



**IX JORNADAS ICOM
MUSEUS E MEMÓRIA: OS OBJECTOS CONTAM A VOSSA HISTÓRIA**

28 de Março de 2011, Museu das Comunicações, Lisboa

PROGRAMA

9h30	Recepção
10h00	Sessão de abertura - Luis Raposo, Presidente da Direcção do ICOM-PT e José Luis Almeida Mota, Presidente do Conselho de Administração da Fundação das Comunicações
10h15	Conferência por Joaquim Pais de Brito, Director do Museu Nacional de Etnologia: Nós, os objectos, a memória e o esquecimento
11h15	Intervalo
11h30	Comunicações <ul style="list-style-type: none">• O Museu da Nazaré na revisão da memória do mar. Conservação versus futuro - Dóris Simões dos Santos, Directora do Museu Dr. Joaquim Manso• Memórias de uma folha de papel: o sentido de um museu - Maria José Ferreira dos Santos, Directora do Museu do Papel Terras de Santa Maria• Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Uma exposição ou um cenário? O coleccionador por detrás da colecção - José Alberto Ribeiro, Director da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves
12h30	Debate - moderação: Graça Filipe
13h00	Almoço livre
14h30	Conferência por Jack Lohman, Director do <i>Museum of London: Museums and memory</i>
15h30	Debate - moderação: Silvana Bessone
16h00	Encerramento



**IX JORNADAS ICOM
MUSEUS E MEMÓRIA: OS OBJECTOS CONTAM A VOSSA HISTÓRIA**

28 de Março de 2011, Museu das Comunicações, Lisboa

RESUMOS E NOTAS BIOGRÁFICAS DOS ORADORES

Nós, os objectos, a memória e o esquecimento

Joaquim Pais de Brito

Lidamos com objectos e com eles desenhamos memórias. Mas os objectos, na quietude das reservas do museu, também se tornam frágeis suportes da memória. Esta, em cada situação, tem de ser restaurada, construída e apropriada pelos sujeitos, individuais ou colectivos, num processo temporal e social que revela a sua instabilidade como instáveis são os sentidos e modos de significação dos objectos. Na vida do museu muito do registo mais forte da memória que queremos guardar toma a forma do conhecimento produzido e inscrito no inventário e em todo o tipo de suportes e de publicações; e nas exposições. As sociedades transformam-se e, no seu devir, indivíduos e grupos vão sendo outros. Os objectos, apesar da sua permanência e aparente estabilidade, são atravessados por essas transformações, não existindo uma relação imediata, unívoca e transparente entre objecto e memória, pois falar desta é falar de sujeitos que a protagonizam. São estes que nos permitem pensar os objectos e os usos da memória, evocando situações que vão, por exemplo, da ilustração objectiva de uma técnica ou saber-fazer, ao plano íntimo dos afectos e das emoções, à exaltação de pessoas e feitos ou à denúncia do sofrimento.

Joaquim Pais de Brito é Director do Museu Nacional de Etnologia (Lisboa) onde tem coordenado a investigação e comissariado exposições como *Fado: Vozes e Sombras* (1994), *Onde Mora o Franklim?* (1995), *O Voo do Arado* (1996), *Histórias de Goa* (1997), *Os índios, nós* (2000), *Com os índios Wauja* (2004), *Sogobò, Máscaras e Marionetas do Mali* (2004) ou *Pinturas cantadas. Arte e performance das mulheres de Naya* (2007). É co-Presidente, desde 2001, do Conselho Científico do *Musée des Civilisations de l'Europe et de la Méditerranée*, a ser inaugurado em Marselha e membro do Conselho Científico do Museu da Bretanha (Rennes, França) e do Museu Antropológico de Matera (Itália). Professor Associado com Agregação do Departamento de Antropologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). A sua actividade de investigação desdobra-se pelo estudo das sociedades agro-pastoris de montanha e as suas formas de organização comunitária, a história da etnografia portuguesa, as culturas populares nas suas vertentes de oralidade e expressão ritual e festiva e as condições teóricas da prática museológica, domínios sobre os quais publica regularmente. Como divulgador da produção etnológica referida a Portugal, é fundador e director da colecção *Portugal de Perto - Biblioteca de Etnografia e Antropologia* (Publicações Dom Quixote, Lisboa), que se publica desde o ano de 1982.



**IX JORNADAS ICOM
MUSEUS E MEMÓRIA: OS OBJECTOS CONTAM A VOSSA HISTÓRIA**

28 de Março de 2011, Museu das Comunicações, Lisboa

O Museu da Nazaré na revisão da memória do mar. Conservação *versus* futuro
Dóris Simões dos Santos

Os museus baseiam a sua missão em torno de activações de memórias, de elementos do passado que se manifestam no presente e influenciam a identidade da comunidade, ascendendo a uma índole quase intocável, que por vezes oferece resistência a novas influências.

Esta comunicação centra-se numa reflexão sobre o papel do Museu Dr. Joaquim Manso (Nazaré) na conservação da “memória do mar”, tanto a uma esfera local, como em termos da representação da sempiterna relação de Portugal com o mar.

O reaparecimento de discursos centrados nos caminhos que o mar pode abrir novamente a Portugal e a crescente investigação sobre as comunidades do litoral articulam-se com processos de patrimonialização do mar, onde os museus têm responsabilidade. As tradições marítimas tornaram-se num dos arquétipos identitários portugueses mais interiorizados, radicados sobretudo num “mar épico” ligado à memória heróica das Descobertas. Esta imagem, contudo, nada se assemelha à realidade da pesca e das vivências a ela associadas, cujos processos de patrimonialização decorrem sobretudo a nível local. É nesta escala que os museus logram actuar numa dimensão mais participativa, através da substituição das “grandes memórias” das elites pela reabilitação dos “pequenos objectos” e da “pequena narrativa”.

A identidade nazarena ainda vive de uma herança marítima que, há 50 anos, era indissociável da imagem do país. Mas, à semelhança de outros meios piscatórios tradicionais, a Nazaré procura hoje a reinvenção do seu relacionamento com o mar, cada vez mais consubstanciado numa óptica do lazer e do turismo, que passou a ser a maior fonte de riqueza. Perante a consciência da impossibilidade de regresso ao passado, o MDJM pode constituir o espaço privilegiado para acção dos processos memoriais, onde a comunidade encontre as referências do equilíbrio perdido. No entanto, o poder desta função demanda uma reflexão atenta sobre que memória ainda estamos a produzir e o modo como serve / se serve o / do turismo nacional e internacional.

Por outro lado, o intento de não nos quedarmos em discursos paternalistas, que escamoteiem as fragilidades da época nostálgica, pode tornar-se problemático aos responsáveis pelas instituições de memória quando as próprias comunidades são muito arreigadas a uma visão mítica, como bem patenteamos na Nazaré. A insistência numa memória ligada à pesca surge, então, como âncora da comunidade, que foi sujeita a tão rápidas mudanças económico-sociais nas últimas décadas.

O MDJM tem procurado iniciar boas práticas de sistematização de memórias, que não se querem esgotar em acções pontuais e que radicam essencialmente em duas vertentes: no inventário atento ao registo da informação no acto de recolha dos objectos; na acção educativa, através de projectos mobilizadores da comunidade nas suas várias gerações, em conjunto analisando que memória se pretende para a Nazaré (e que daremos exemplos nesta apresentação).

É compromisso do MDJM favorecer mecanismos de “interpelação da memória”, provocar a reflexão sobre a contemporaneidade nazarena e como os seus futuros desafios dialogam com um passado sobre o qual se continua a (re)viver. Assim o fazendo, ao mesmo tempo, o próprio museu redefine a sua missão, volvidos 35 anos da sua abertura ao público, agora também se devendo incluir numa “museologia marítima” donde chegamos exemplos qualificados, com maior



**IX JORNADAS ICOM
MUSEUS E MEMÓRIA: OS OBJECTOS CONTAM A VOSSA HISTÓRIA**

28 de Março de 2011, Museu das Comunicações, Lisboa

capacidade de, através das memórias locais, contribuir para a representação da “memória nacional do mar”.

Dóris Simões dos Santos é, desde Março de 2009, Directora do Museu Dr. Joaquim Manso, na Nazaré. É Mestre em Museologia e Património, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2006), onde apresentou a dissertação intitulada “Museu de José Malhoa. Como se faz um museu de arte: imagem e discurso(s)”. Licenciada em História, variante História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1997). Possui também licenciatura no Ramo Educacional do mesmo curso (1999). Docente estagiária na Escola E. B. 2, 3 Poeta Manuel da Silva Gaio, Coimbra (1998-1999). Técnica de Animação Sócio-Cultural (1999-2000) e Técnica Superior no Museu José Malhoa, Caldas da Rainha, entre 2000 e 2009. Tem colaborado com regularidade em iniciativas de museus locais, com destaque para a programação de exposições e recriações históricas promovidas pelo Museu Municipal do Bombarral e a realização do Inventário do Património Artístico Religioso do Concelho do Cadaval, editado em 2006 pela Câmara Municipal do Cadaval. Autora de diversas publicações e artigos nas áreas da história da arte, da história local e da museologia, destacando-se: *A Casa de Abel Pereira da Fonseca no Bombarral* (Câmara Municipal do Bombarral, 2000); “Costa Motta Sobrinho, Escultor. Actualidades e permanências”, in *Costa Motta Sobrinho (1877-1956): obra cerâmica e escultórica* (Museu de Cerâmica / IPM, 2001); *Igreja do Santíssimo Salvador do Mundo. História, Projecto e Construção* (Bombarral, 2003); *Património Artístico Religioso do Concelho do Cadaval* (Museu Municipal do Cadaval, 2006), e “História, discurso e ideologia. Como se fez o Museu José Malhoa”, in *Museologia.pt*, n.º 2 (IMC, 2008).

Memórias de uma folha de papel: o sentido de um museu

Maria José Ferreira dos Santos

Numa região onde a “arte de fazer papel” permanece como uma memória continuada desde há trezentos anos, o Museu do Papel tem procurado criar condições para suscitar memórias esquecidas e, simultaneamente, permitir a compreensão de memórias fragmentadas, tornando visível o contributo dos objectos para a construção de uma memória colectiva.

Assumindo-se como um museu industrial em actividade, para além do valor patrimonial/simbólico do seu acervo, o próprio papel constitui, em si mesmo, um objecto valioso e emblemático, transportando informação intrínseca imperceptível, numa primeira análise.

Mas, independentemente da tipologia ou do fim a que se destina uma folha de papel, a sua compreensão é necessariamente decorrente de realidades distintas a nível de processos e métodos de produção que, frequentemente, perduram no tempo, coexistindo com uma inovação tecnológica inerente a qualquer desenvolvimento industrial. Estas permanências, materiais e imateriais, são também expressão do Património Industrial do Papel.



**IX JORNADAS ICOM
MUSEUS E MEMÓRIA: OS OBJECTOS CONTAM A VOSSA HISTÓRIA**

28 de Março de 2011, Museu das Comunicações, Lisboa

Neste contexto, desde o conhecimento da matéria-prima utilizada na sua produção, à descoberta das diferentes marcas de água, propositadamente inseridas pelo seu fabricante, uma folha de papel, mesmo em branco, pode conter um conjunto de informações justapostas e diferenciadas que, quando vistas em contra-luz e interpretadas, lhe dão vida, proporcionando diferentes níveis de leitura. Nesta aprendizagem de novos significados, que ultrapassam o nível cognitivo pela carga emocional que transmitem, uma folha de papel deixa de ser um objecto silencioso e, fazendo eco de uma memória colectiva, dá sentido e identidade a um museu.

Maria José Ferreira dos Santos é autora do programa museológico do Museu do Papel, ocupando o cargo de Directora deste museu desde a sua fundação, em Outubro de 2001. Toda a sua formação académica foi desenvolvida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Licenciatura em História, Pós Graduação em Museologia e Mestrado em História Moderna. Membro da Associação Internacional de Historiadores de Papel (IPH) e membro fundador da Associação Hispânica de Historiadores de Papel, tem dedicado os últimos anos à investigação da História do Papel em Portugal. Este o tema da sua tese de Mestrado: *A Indústria do Papel em Paços de Brandão e Terras de Santa Maria. (Séculos XVIII e XIX)*. Ao longo dos últimos anos tem apresentado diferentes comunicações em Seminários e Congressos, tendo publicado vários artigos sobre História do Papel em Portugal, Marcas de Água e Museologia Industrial, em revistas da especialidade, dos quais se salientam: *José Maria Ottone e o fabrico de papel em Portugal no século XVIII*, «XVI Encontro Nacional da TECNICELPA»; *Les Filigranes dans l'étude des moulins à papier du XIX^{ème} siècle: Santa Maria da Feira-Portugal*. «XXIII Congresso Internacional do IPH - Leipzig»; *The Ottone family and paper manufacturing in Spain and Portugal in the 17th and 18th century*, «XXIV Congresso Internacional do IPH - Porto»; *Marcas de Água e sua Simbologia*, «I Congresso de Heráldica de Tomar»; *Moinho de Papel de Gondifelos, Famalicão*, in «Património e Indústria no Vale do Ave»; *Adaptação de espaços proto-industriais e industriais a uma funcionalidade museológica*, «Museu de la Ciència i de la Tècnica de Catalunya»; *A fábrica e o museu: simultaneidades dum espaço papeleiro*, «I Colóquio de Museologia Industrial - Museu da Ciência e Indústria»; *O primeiro Museu do Papel em Portugal: identidade*, «Watermark Route - Rede Europeia de Museus do Papel, Fabriano»; *The first paper museum in Portugal: a project with history* «XXVII Congresso Internacional do IPH, Polónia»; *O Património da Indústria Papeleira Portuguesa: Museu do Papel de Santa Maria da Feira*, «III Jornadas de Património de Lousame - Estado do Património na Galiza e em Portugal».

Casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves. Uma exposição ou um cenário? O colecionador por detrás da colecção

José Alberto Ribeiro

As Casas-Museu são por excelência espaços de memória onde se recriam ambientes. Às obras que se apresentam o visitante associa a vivência de um espaço ligado a uma determinada personagem ou personagens, o que possibilita uma experiência emocional diferente do museu mais convencional.



**IX JORNADAS ICOM
MUSEUS E MEMÓRIA: OS OBJECTOS CONTAM A VOSSA HISTÓRIA**

28 de Março de 2011, Museu das Comunicações, Lisboa

Nesta comunicação abordaremos os últimos trabalhos de investigação em torno da memória do coleccionador. Num museu como este que critérios museológicos seguir? Privilegiar o cenário e as peças? Onde cabe o coleccionador?

José Alberto Ribeiro é Director da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, museu do Instituto de Museus e da Conservação, desde Julho de 2006. Licenciou-se em História de Arte pela Faculdade Letras da Universidade de Lisboa, no ano de 1993. Realizou o mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro pela mesma Faculdade em 2000. Em 2010, concluiu uma Pós-Graduação em Gestão em Empreendedorismo Cultural e Criativo no Instituto para o Desenvolvimento da Gestão Empresarial do ISCTE. É Doutorando na Faculdade de Letras de Lisboa.

Museums and memory

Jack Lohman

Professor **Jack Lohman** was appointed Director of the Museum of London in August 2002. Born in London of Polish parents, Jack Lohman was educated at the University of East Anglia where he studied History of Art. He was awarded a scholarship to read architecture at the Freien Univeristat in Berlin and later obtained an MA at the University of Manchester. He went on to win a British Council Fellowship Award to study Architecture and Conservation in Warsaw. Before taking up his present appointment, Jack Lohman was the Chief Executive Officer of Iziko Museums of Cape Town, an organization consisting of fifteen national museums including the South African Museum, the South African Maritime Museum and the South African National Gallery. Here he led the creation of a new museum institution and the transformation of the national museum sector. He was a Director of TVC Ltd, an award-winning film and audio-visual production company and MET Studio, a multi-disciplinary design consultancy based in London, Singapore and Hong Kong and, between 1985 and 1994, he worked for English Heritage, developing museums and exhibitions both nationally and internationally. He is a former Chairman of the International Council of Museums (ICOM) UK 2002-2008. Jack Lohman is Professor of Museum Design and Communication at the Bergen National Academy of the Arts in Norway, a member of the UK National Commission for UNESCO Culture Committee and Chairman of the National Museum in Warsaw, Poland. He is editor in chief of UNESCO's publication series 'Museums and Diversity'.

In <http://www.museumoflondon.org.uk/English/AboutUs/Who/Director/>
[acedido em 26 de Março de 2011)